

FHC avisa que não aceita contestação de seus atos

José Paulo Lacerda/AE

Em recado a aliados, ele tenta reafirmar autoridade e diz que sua tolerância 'chegou ao limite'

ISABEL BRAGA

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso fez questão de reafirmar sua autoridade ontem, em um discurso público no Palácio do Planalto, avisando aos partidos aliados ao governo que não aceitará contestações às suas decisões. “Devo dizer que no meu caso a minha tolerância chegou ao limite, chegou ao limite”, desabafou o presidente, algumas horas antes de anunciar o nome do novo diretor-geral da Polícia Federal – o terceiro em três meses. O tom do discurso repetiu o recado dado aos ministros, em reuniões em que Fernando Henrique cobrou coesão e solidariedade aos atos do governo.

Ainda nesta semana, o presidente deverá levar a mesma mensagem aos líderes dos partidos aliados no Congresso, com quem deverá reunir-se. Nesse encontro, cuja data ainda não foi marcada, Fernando Henrique deverá externar sua insatisfação com a atuação do Congresso nas últimas semanas e cobrar dos líderes da sua base de sustentação a condução de uma “pauta efetiva” após o recesso parlamentar de julho.

Este foi um dos temas da longa conversa que Fernando Henrique manteve ontem com o ministro das Comunicações e articulador político do governo, Pimenta da Veiga, no Palácio da Alvorada, sua residência oficial. De



O presidente com Elcio Alvares (à esquerda) e o general Cardoso: insatisfação com atuação do Congresso

EPISÓDIO COM CAMPELO MOTIVOU DESABAFO

acordo com o ministro, o presidente pretende avaliar com os líderes partidários os procedimentos parlamentares e legislativos. “Nas últimas semanas houve como que uma paralisia dos

trabalhos, o que não é bom para o governo, mas também não é bom para o Congresso e, conseqüentemente, não é bom para o País”, afirmou Pimenta.

Paralisação – “O presidente vai estimular o Congresso através de seus líderes a cumprir um pauta efetiva, indispensável para o desenvolvimento do País”, completou, acrescentando ter convicção

de que o segundo semestre será fértil nos trabalhos do Legislativo. Ele acrescentou que as prioridades do governo são as mesmas, citando a reforma tributária como prioridade do País. Nos últimos meses, a chamada “agenda positiva” do Congresso ficou paralisada por causa das disputas entre os partidos aliados e da repercussão dos sucessivos escândalos envolvendo o governo.

Também colabora para a lentidão das votações a falta de consenso entre os parlamentares em torno de assuntos que o governo considera importantes, como a reforma do Judiciário, que se acabou transformando em motivo de disputa e troca de ofensas entre os presidentes da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), e do Senado, Antonio Carlos Magalhães

(PFL-BA). O saldo da briga entre os dois foi o adiamento da votação da reforma para agosto.

No Congresso, a reação foi imediata. O presidente em exercício da Câmara, Heráclito Fortes (PFL-PI), considerou inoportuno Fernando Henrique ter falado mal do Congresso quando os presidentes das duas Casas estão ausentes do País. “Faço votos de que essa não seja a deixa para a temporada de crise da semana”, ironizou. O presidente do PMDB e líder do partido no Senado, Jader Barbalho (PA), também respondeu. “A base aliada tem ajudado muito o presidente, não tem lhe faltado apoio inclusive para aprovar medidas polêmicas”, afirmou Jader, dizendo ainda que o PMDB não estava interferindo na indicação do novo di-

retor-geral da Polícia Federal. No discurso feito ontem, a estagiários da Escola Superior de Guerra (ESG), Fernando Henrique alertou que o Brasil “não pode mais conviver com disputas corporativas”. E avisou: “Chegou o momento em que precisamos marchar juntos pelo rumo escolhido pelo povo e o presidente representa isso.” Ele frisou ainda que o País precisa do apoio logístico dos militares para o combate ao narcotráfico, mas não caberá a eles o papel de polícia.

Depois que Vicente Chelotti deixou a direção da PF, o presidente levou três meses para escolher o novo diretor, em razão de brigas internas entre a área de inteligência do governo, chefiada pelo ministro da Casa Militar, general Alberto Cardoso, e a Polícia Federal, pelo comando das ações referentes ao narcotráfico. A nomeação de João Batista Campelo, que assumiu e deixou o posto em menos de uma semana, só complicou a situação.

Ênfase – Ao cobrar ontem respeito dos aliados às suas decisões, Fernando Henrique foi enfático. “Em qualquer campo, a decisão tomada há de ser respeitada”, afirmou o presidente. “Não pode ser decisão que a cada instante seja objeto de contestação, por quem quer que seja.”

No discurso no Planalto, em que traçou um panorama favorável da recuperação da economia do País depois da mudança cambial, Fernando Henrique também mandou um recado ao Movimento dos Sem-Terra (MST). “Está chegando um ponto em que será difícil que a continuidade dessas práticas não encontrem uma resposta daqueles que são responsáveis pela democracia no Brasil”, avisou. Para ele, o movimento está fazendo “uma exploração política” da terra.